

Simonsen diz que redutor não leva à hiperinflação

Econ. Brasil

Marcelo Carnaval — 7/12/87

A aplicação de um redutor sobre o índice de inflação para corrigir a OTN, os salários e o câmbio só dará resultados se for precedida de uma política monetária restritiva, com juros elevados e contenção do crédito, e uma política fiscal austera, que significa redução do déficit público. A explicação é do autor da idéia do redutor, o ex-ministro da Fazenda Mario Henrique Simonsen, que garante ser a mistura desses ingredientes uma fórmula eficaz para a redução da inflação.

Simonsen não acha que esse conjunto de medidas (redutor, aperto monetário e fiscal) seja o caminho mais rápido para a dolarização da economia e, consequentemente, para a hiperinflação, segundo avaliação da Secretaria de Planejamento da presidência da República (Seplan). "O que as pessoas esquecem é que o redutor, acompanhado de uma política monetária e fiscal, realmente vai reduzir a inflação", alega Simonsen, contestando a idéia de que o redutor provocaria uma fuga de investidores da poupança para o mercado paralelo do dólar.

Sem rigidez — Mesmo trabalhando com a hipótese de o redutor provocar um impacto negativo na poupança, pela fuga de investidores que não querem correr o risco de a correção monetária ficar abaixo da inflação, Simonsen argumenta que a fórmula não deve ser rígida. Ou seja, o percentual de redução a ser aplicado sobre a taxa de inflação de um mês, para projetar a inflação do mês seguinte, tem que ser flexível. Num determinado mês o redutor poderia, por exemplo, ser de 10%, mas no mês seguinte tanto poderia aumentar para 15% como cair para 5%, dependendo dos resultados obtidos.

Ele insiste, porém, que a aplicação do redutor por si só não provocará a queda da inflação. Essa queda só é possível na medida em que o governo corte substancialmente o déficit público. A elevação das taxas de juros é necessária para evitar movimentos especulativos, segundo Simonsen porque "tem muita gente apostando contra a queda da inflação e esses não podem sair ganhando". O redutor



Simonsen: política flexível

entraria apenas como uma medida auxiliar para apressar a queda e reduzir a inércia da taxa inflacionária, já que os ajustes fiscais têm um impacto lento sobre a redução do ritmo de crescimento dos preços.

"O redutor sozinho não resolve absolutamente nada", garante Simonsen, que vê na medida apenas "uma espécie de anestesia, sem os artificialismos produzidos por um congelamento de preços". A alternativa de um novo choque com congelamento, segundo Simonsen, só teria efeito caso o déficit público fosse totalmente zerado. "Nesse caso, após três meses o congelamento poderia até ser suspenso que os preços não voltariam a subir", diz Simonsen, ressaltando porém que "no momento não há condições de eliminar o déficit".

A exemplo de empresários, alguns dos mais respeitados economistas do país, o ex-presidente do Banco Central, Affonso Celso Pastore, aplaude a tese de Simonsen, desde que o governo ataque antes o problema do déficit público. "Depois disso, vem as outras medidas", observou.